

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

SUZY SHINGAKI

A JOVEM PRATICANTE DO MOVIMENTO ESCOTEIRO:
Aspectos da juventude na atualidade

São Paulo

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

SUZY SHINGAKI

A JOVEM PRATICANTE DO MOVIMENTO ESCOTEIRO:
Aspectos da juventude na atualidade

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de psicologia, sob orientação da professora Luciana Szymanski

São Paulo

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, amigos (as) e professores (as) da faculdade, que me ajudaram a realizar o estudo, estando ao meu lado para que eu pudesse seguir acreditando nesse trabalho.

Dedico o estudo aos (as) jovens brasileiros da atualidade, que com seus questionamentos instigantes sobre o mundo nos inspiram sobre mudanças do futuro.

SUZY SHINGAKI

A JOVEM PRATICANTE DO MOVIMENTO ESCOTEIRO: ASPECTOS DA JUVENTUDE NA ATUALIDADE

ORIENTADORA: LUCIANA SZYMANSKI

RESUMO

Este estudo propõe uma análise sobre a experiência do (a) jovem praticante do movimento escoteiro, considerando-o como método de educação não formal difundido em várias partes do mundo. A questão dos (as) jovens na atualidade vem ganhando cada vez mais visibilidade, e, nesse caminho, o problema da pesquisa se justifica pelo fato de haver cada vez mais necessidade em se explicar essa faixa etária a partir de um paradigma patologizante e culpabilizador da pessoa, deixando-se de lado o entendimento do sentido que a juventude revela. No empenho de compreender esse (a) jovem, a pesquisa apoiou-se no pensamento fenomenológico-existencial e o instrumento utilizado foi a entrevista reflexiva. A contribuição da obra “analítica do sentido” de Critelli (2006) foi fundamental para esse esforço de chegar às coisas mesmas, propósito essencial da fenomenologia e do estudo em questão. A partir deste ponto de vista, e do instrumento específico da entrevista reflexiva, buscou-se captar a compreensão do (a) jovem sobre sua experiência vivenciada dentro do escotismo, assim como o sentido dessa experiência para o entendimento das relações dele (a) no seu mundo. Como resultados, apareceram reflexões sobre temas como: as relações com os demais jovens; o consumismo da atualidade; as ações solidárias com o próximo; questões de gênero e sistemáticas comparações entre a instituição escolar e o movimento escoteiro, ficando claro que a jovem entrevistada entende o escotismo como espaço educacional com sentido, em contraponto ao espaço escolar.

Palavras-chave: Adolescência, modernidade, escotismo, fenomenologia-existencial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. CONTEXTUALIZANDO O UNIVERSO DOS (AS) JOVENS.....	9
3. ESCOTISMO: ALGUNS ASPECTOS DO MOVIMENTO	13
4. A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL COMO MÉTODO.....	17
4.1. FENOMENOLOGIA E MODERNIDADE	20
5. PROCEDIMENTOS	23
5.1. A PARTICIPANTE.....	24
5.2. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DA ENTREVISTA E ANÁLISE.....	24
6. ANÁLISE	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – 21/03	37
ANEXO B - TABELA DE UNIDADES DE SENTIDO	43
GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO ESCOTISMO.....	46

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se interessa pelo movimento escoteiro como meio de abertura para propiciar experiências práticas variadas, visto que seu maior objetivo é a formação de jovens. O escotismo é considerado um método de educação não formal a partir do qual se cria espaço de crescimento do (a) jovem que, através de atividades variadas, pode construir a autonomia, liderança, valores morais e éticos, entre outros. Nesse enquadre, a relação estabelecida do (a) jovem com o mundo é construída numa perspectiva de aprendizagem prática, no contato direto com a natureza e com as demais pessoas, levando em consideração os valores de cidadania que o movimento busca transmitir.

Desde os sete anos, faço parte do movimento escoteiro e, portanto, tive contato com seus ideais, assim como pude perceber sua influência sobre as pessoas que o frequentaram. Acredito que ter participado dessa experiência teve um valor essencial na minha vida, por isso reconheço que, além da família e das instituições de ensino, o movimento auxiliou no meu entendimento pessoal e do mundo ao trazer a oportunidade de vivências que não poderiam ser propiciadas em outras circunstâncias.

Um aspecto motivador do estudo é a visão contemporânea reducionista de infância e adolescência, que, via de regra, apresenta um olhar patologizante do indivíduo. É difícil suportar jovens que respondem ao mundo de uma forma não produtiva, e, assim sendo, ele (a) é logo enquadrado em uma posição fragilizada, carecido de tratamento. O aumento de jovens encaminhados a tratamento de dislexia, déficit de atenção e hiperatividade, relacionado a problemas de aprendizagem, nos faz refletir sobre uma medicalização desenfreada e precoce. (Taverna, 2011)

A patologização da educação consiste em um reducionismo biológico, que é explicar a situação e o destino de indivíduos e grupos através de suas características individuais, desse modo esconde os determinantes políticos e pedagógicos do fracasso escolar, isentando de responsabilidades o sistema social vigente e a instituição escolar. (Zucoloto, 2007)

Cada vez mais existe uma preocupação insistente em buscar explicações sobre “condutas” consideradas desviantes, antes mesmo de buscar compreender a pessoa e suas significações.

Para realizar esse estudo, o método fenomenológico-existencial heideggeriano será um norteador para que seja possível ir de encontro ao fenômeno da experiência da jovem, no intuito de ter um olhar sobre as coisas, como se mostram, no momento imediato em que aparecem. Nas palavras do autor: “Deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”. (Heidegger, 2006, p.74). Esse é um momento especial, em que podemos escutar o (a) jovem, evitando qualquer tipo de julgamento, ao compreender aquilo que nos chega, respeitando a singularidade do seu olhar. Além disso, para nos auxiliar na investigação fenomenológica-existencial, o pensamento de Critelli (2006) iluminará esse caminho, com o propósito de levar adiante a interrogação sobre o discurso pessoal que é único.

O investigar que se proponha interrogar as ações humanas deve, por princípio, ser mais abrangente do que os instrumentos que selecionar; deve poder empreender-se na independência deles, e orientado pelo homem mesmo em seu estar-sendo-no-mundo. (Critelli, 2006, p. 28)

No primeiro momento do trabalho, tendo em vista a importância de olhar a pessoa que habita um mundo, vamos situar de um modo amplo o cenário contemporâneo em que vivem os (as) jovens. Para isso, foi necessário refletir sobre a dinâmica desse mundo e, conseqüentemente, as demandas que ele nos solicita para fazer parte dele. O tempo moderno possui suas peculiaridades, podendo ser julgado por uma perspectiva otimista ou pessimista, todavia, para além de um julgamento, é essencial relacionar como tais questões afetam as pessoas.

No capítulo posterior, analisou-se a história do movimento escoteiro para entender seus principais fundamentos e pretensões, com uma visão crítica sobre possíveis potenciais e limitações. O movimento sofreu mudanças ao longo do tempo, no entanto, é importante analisar os elementos potenciais que ele ainda

oferece e apontar possíveis mudanças que podem favorecer sua eficácia, sempre na direção de se atentar ao que seria benéfico para os (as) jovens.

Para estudar mais a fundo a ótica sob qual o trabalho será desenvolvido, foi abordado o método fenomenológico-existencial heideggeriano no capítulo seguinte. Compreendemos o ser como uma abertura, que existe numa familiaridade com o mundo e se relacionando com os demais entes, daí a necessidade de olhar a totalidade desse ser que está a todo momento se construindo. Através dessa lente fenomenológica teremos clareza sobre como pretendemos compreender o fenômeno da experiência única que vem ao nosso encontro.

Na etapa dos procedimentos, a justificativa de utilização do instrumento da entrevista reflexiva foi evidenciada, a fim de mostrar como ela se afina com o método de pesquisa. Além disso, nessa parte são explicados detalhadamente os passos da entrevista. Finalmente, no capítulo da análise, é o momento em que nos encontramos com o que apareceu na entrevista e buscamos organizar o material para captar um sentido total do discurso.

Deste modo, o trabalho busca compreender qual o olhar do (a) jovem para a experiência de participar desse movimento, considerando essa vivência como uma possibilidade dentre tantas outras possíveis na juventude, analisando as contribuições específicas do escotismo para a percepção do seu modo de ser no mundo que vive.

2. CONTEXTUALIZANDO O UNIVERSO DOS (AS) JOVENS

Para iniciar o nosso estudo é essencial considerarmos o (a) jovem como ser-no-mundo, ao contextualizar a dinâmica de funcionamento do mundo contemporâneo na qual eles estão inseridos, em que determinados preceitos difundidos constituem a história e suas próprias identidades. Dessa forma, será essencial relacionar a estrutura da atualidade contemporânea influenciando direta ou indiretamente na compreensão do ser.

O mundo de hoje está cada vez mais fluido devido à velocidade no acontecer das coisas, tudo deve ser imediato, e quanto mais rápido melhor. A supervalorização da ciência, com a crença de que é ela a fonte de resolução de todos os problemas e mistérios da vida, acompanha também o avanço das técnicas. As coisas não são duráveis, e não são feitas para durar, justamente porque no futuro haverá sempre algo melhor para substituir o velho.

Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham “data de validade”, caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura.
(Bauman, 2001, p.74)

As coisas precisam ser renovadas, não há limites e para que isso seja possível, as pessoas são sugadas para responder essa demanda inesgotável do mundo. O ambiente é o da competitividade, desde cedo as pessoas são incentivadas a contribuir nesse processo do progresso. Isso pode ser visto concretamente a partir das crianças, na qual muitas vezes as escolas escolhidas pelos pais são aquelas que adotam métodos de ensino que priorizam uma aprendizagem voltada para o mercado de trabalho, ao invés de levar em conta o espaço que prioriza as demandas da criança. Na adolescência isso é mais perceptível, como exemplo, no vestibular em que os (as) jovens acabam por ver os (as) demais como concorrentes de vaga e não como colegas. A violência contra o outro é legitimada pela idéia de liberdade na competição, tudo sempre em detrimento da mais-valia capitalista, e falamos de uma violência ampla,

estrutural e não apenas daquela que nos toca mais visivelmente, transmitida pelos veículos de comunicação. Vemos que nesses tempos há uma falta de solidariedade e compaixão com os demais, em que é exaltado um individualismo entre as pessoas. Nessas condições, a ética fica em segundo plano, atitudes egoístas são justificadas pelos resultados que as pessoas buscam alcançar, e ao não se responsabilizar mais pelo bem-estar do outro, acaba-se a idéia de coletividade e humanidade.

A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada. (Santos, 2013, p.65)

No entanto, podemos ter um olhar crítico em relação à possível perversidade do sistema vigente, ao pensar na cruel desigualdade em que o mundo se encontra, e questionar sobre a real finalidade do avanço da técnica ao entender que ela está a serviço de pequenos grupos específicos que podem usufruir de seus frutos, e não para atender a humanidade em geral. Já que a ciência e a técnica são tão eficientes, por que problemas fundamentais e anteriores como fome, violência, miséria ainda não foram resolvidos? Vemos que há uma busca de atender interesses do mercado antes mesmo de satisfazer demandas humanas. Essa estrutura tecnicista pode conduzir à necessidade excessiva de normas, para que a eficácia da ação seja bem-sucedida. A supervalorização da pessoa produtiva leva a uma intolerância de certos comportamentos, em que há uma patologização daquela que não produz o que o sistema exige. “Na esfera da racionalidade hegemônica, pequena margem é deixada para a variedade, a criatividade, a espontaneidade” (Santos, 2013, p.120). A padronização do ser saudável segue uma receita de ideal, não há espaços para o diferente, e quem ousa não se dirigir nessa direção é desvalorizado e necessitado de tratamento. Isso talvez nos ajude a pensar sobre o crescimento desenfreado de diagnósticos precoces sobre condutas patológicas. Por que não se pode mais suportar aquele (a) jovem agitado ou

aquele (a) jovem mais reservado? O que está sendo considerado é o desenvolvimento saudável ou um desenvolvimento interessante para o mercado?

O processo da globalização emerge na direção de sustentar princípios, com a mensagem de homogeneizar o mundo e realizar uma “integração” no âmbito econômico, social, cultural e político. Nesse caminho, haveria uma padronização dos interesses, a mais-valia é compartilhada por todos, ou seja, as pessoas almejavam as mesmas coisas e, ao mesmo tempo, uma sensação de liberdade estimula o consumo em que tudo parece estar mais facilmente aos seus alcances. Esse consumo nunca é saciado, sempre há o que desejar, ele por si já é sua finalidade: “O desejo se torna seu próprio propósito, e o único propósito não-contestado e inquestionável”. (Bauman, 2001, p.86). O avanço das técnicas e da ciência contribui para que seja propiciado aos indivíduos certo conforto, ao sentirem que podem alcançar o mundo de uma forma mais cômoda e segura, vemos que atualmente tudo é mediado pela técnica, até mesmo as relações humanas. Por outro lado, como esse contato com o mundo parece estar suprido, não existe uma tentativa de buscar outras formas de vivência, e o que seria o elemento libertador pode tornar-se potencialmente um elemento de aprisionamento e alienação. (SANTOS, 2013)

Nos dias atuais, o ambiente externo é sentido como fator ameaçador e as famílias se sentem inseguras, colocando-se numa posição de superproteção em relação aos filhos. Essa preocupação é compreensível, frente à constante violência que assistem e vivenciam no cotidiano contemporâneo, junto a isso, o avanço das técnicas contribui para um enclausuramento no espaço, já que muitas coisas podem, ou pelo menos prometem, ser supridas no conforto do ambiente domiciliar. Desse modo, se dificulta propiciar aos (as) jovens espaços diversificados onde possam se relacionar com os outros, numa relação livre. As coisas já são dadas, as obrigações já estabelecidas, e a relação com o outro e com o mundo acaba, de certo modo, por se limitar.

Existe uma dificuldade em problematizar essas questões sobre o mundo atual, em que a valorização da técnica já é algo indispensável e intrínseco a

todos nós. A aceitação de todos esses preceitos atropela a própria tentativa de compreender porque o mundo funciona desse modo, nos impedindo de se ater às limitações da técnica.

Nessa realidade de tempo e espaço fluido, em que são perdidas as formas que delimitam e diferenciam uns aos outros, o conflito do direito de ser e permanecer diferente se intensifica:

A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. (Bauman, 2001, p.97)

Todas essas questões se acirram ainda mais na adolescência, em que a fase de extremas mudanças, físicas e psíquicas, estimula a busca de uma identidade mais própria. Além disso, os (as) jovens tendem a reafirmar sua autonomia ao insistirem em sua independência, podendo se desprender do vínculo com os pais. Nesse processo, o papel do grupo de amigos tem um valor fundamental, pelo fato da aceitação em fazer parte de um todo ser tão imprescindível para esses (as) jovens que têm o desafio de estar numa fase de transição. Um momento em que por um lado se vêem menos tutelados e livres para experienciar o mundo, e por outro vivem uma relação de insegurança com o desconhecido, numa espécie de liberdade angustiante.

Através desse estudo buscamos compreender como as necessidades de uma jovem que vive nos dias atuais - de se mostrar e se impor, inerentes ao seu existir - são supridas. Insistimos, então, em problematizar a jovem que é tocada pelos entes do mundo, e como ela se adapta para conciliar as demandas da contemporaneidade com suas questões existenciais. Nesse sentido, pretendemos entrar em contato com elementos que muitas vezes passam despercebidos na atualidade, para nos atentar às percepções que a jovem tem de si e, conseqüentemente, do mundo.

3. ESCOTISMO: ALGUNS ASPECTOS DO MOVIMENTO

A melhor tradução para o português da palavra “*scouting*”, relacionando com a mensagem que ela tenta nos trazer, seria proveniente do verbo escutar, que significa: sondar; examinar a fundo os corações, a consciência; perscrutar; fazer o possível para entrar no perfeito conhecimento das coisas; procurar descobrir o que é oculto, encoberto; indagar. Essa tradução foi feita pelo tenente da marinha de guerra Eduardo Henrique Weaver, considerado o primeiro incentivador do movimento no Brasil, ao ter publicado no país a primeira notícia sobre o escotismo.¹

O movimento escoteiro foi criado na Inglaterra em 1907, pelo general britânico Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941). É entendido como uma organização mundial de educação não formal, que visa a potencialização do desenvolvimento moral e físico de crianças e adolescentes, futuros cidadãos, usando essa eficiência à serviço da comunidade. No livro “*Scouting for boys*”, de Powell (1954), é possível encontrar os ideais que fundamentam o escotismo, descrevendo o movimento como uma busca de formação para os (as) jovens. A proposta seria proporcionar um desenvolvimento por meio de um sistema de valores que prioriza a honra baseado na promessa e na lei escoteira. Os conceitos inerentes à lei escoteira abordam valores como: honra, integridade, lealdade, presteza, amizade, cortesia, respeito e proteção da natureza, responsabilidade, disciplina, coragem, ânimo, bom-senso, respeito pela propriedade e auto-confiança.

A formulação do método escoteiro tinha como meta evitar a degeneração física e moral da juventude, visão que estava baseada na crítica à condição artificial da vida moderna, que, segundo ele, provocava nos jovens a falta de iniciativa e a degeneração muscular. (Gabriel, 2003, p.12)

A visão que Powell tinha sobre os (as) jovens de sua época, era sustentada por sua própria experiência em sua vida escolar. Ao olhar os (as)

¹jovens, percebia que os métodos escolares vigentes da época não estimulavam a criatividade e iniciativa para que eles pudessem ser líderes de capacidade e interessados em problemas sociais da atualidade. Nesse sentido, para que a educação fosse completa, o escotismo deveria entrar como parte da escola, ao auxiliar a pessoa a ter uma formação para a vida, não visando introduzir diversos conteúdos, mas estimulando o desejo de conhecer. (GABRIEL, 2003)

O movimento escoteiro continua até os dias atuais com grande força em diferentes lugares. Dados encontrados nos sites oficiais sobre a população escoteira indicam que o escotismo está ativo em 216 países e territórios. Estima-se que 40 milhões de pessoas participam do movimento no mundo. No Brasil, a população escoteira passa dos 80 mil. ¹

Os grupos escoteiros da atualidade preservam os ideais que foram tão enfatizados por seu líder Baden Powell, priorizando seis áreas de desenvolvimento do jovem: físico, afetivo, caráter, espiritual, intelectual e social. No entanto, após tantos anos, assim como a sociedade na qual está inserido, o movimento sofreu modificações a fim de atender às demandas de um tempo atual.

Julga-se importante uma menção de respeito ao fundador do movimento, que com sua intenção inicial promoveu ideais que contribuíram de uma forma ou outra no desenvolvimento educacional de jovens. No entanto, é necessário realizar uma análise cuidadosa para pensar como o movimento pode se desenvolver para beneficiar jovens de um tempo atual.

No tempo de seu estabelecimento, o movimento se consolidou através de idéias vigentes da época, o que acarretou em sua força em grande escala. No entanto, muitos aspectos que são mantidos tradicionalmente, perderam seus significados e por isso são passíveis de mudanças para o contexto atual.

É possível identificar a influência de um caráter cívico-militar e demais ideologias que prevaleciam na época do seu estabelecimento. A formação militar de Powell influenciou para que dentro do escotismo essa dinâmica de organização e disciplina fosse incorporada em sua estrutura. Isso é percebido

¹ Disponível em: <http://www.escoteiros.org/escotismo/escotismo_no_brasil.php>

quando observamos o sistema de hierarquia que organiza os (as) jovens, em que são divididos em pequenos grupos denominados patrulhas, e se apresentam a um chefe (adulto). Esse método, que pode ser autoritário, nos faz questionar se é possível realizar outro caminho para se construir uma educação mais horizontal e democrática.

Outra questão a ser pontuada é o aspecto religioso do movimento, dado que o desenvolvimento espiritual é um dos pontos que devem ser trabalhados no escotismo. Apesar de estar claro que o movimento é laico e tolerante à qualquer religião, muitas vezes prevalecem práticas cristãs, como por exemplo, as orações durante o cerimonial. Vemos que atualmente isso tem mudado, já que em muitos grupos não se fazem orações num molde tradicional, percebendo que a área de desenvolvimento da espiritualidade é algo mais amplo, podendo ser trabalhado de outras formas. Esse esforço de reafirmar a aceitação de qualquer pessoa no movimento é essencial para validar a idéia de que o escotismo é o local da pluralidade, diversidade e tolerância, como consta nas principais diretrizes do movimento que enfatizam o respeito ao próximo.

O nome de um dos livros de referência do escotismo - "*scouting for boys*"(1908) - também nos chama atenção. No início, o escotismo era destinado apenas para os homens e em muitas obras é possível observar que o lugar em que colocavam as mulheres era sempre de segundo plano, não reconhecendo a igualdade de gênero. No entanto, com a reivindicação de mulheres que também queriam participar do movimento, a irmã de Powell, Agnes Smyth Baden-Powell, ajudou a introduzir o escotismo para as meninas. Hoje, há muitas jovens praticantes do movimento, porém práticas sexistas ainda podem diferenciar um suposto lugar do homem e da mulher.

Existem diversas questões que podem ser problematizadas para analisar o movimento, nas quais identificamos aspectos que refletem na própria sociedade em que vivemos. Não é proveitoso apenas criticar o passado, mas as contribuições são infinitas se termos uma visão crítica sobre ele para repensar o presente e atingir o futuro que queremos. Por essa razão, é necessário um olhar criterioso sobre os aspectos que talvez não façam sentido nos dias de hoje, e,

em contrapartida, aspectos que ainda podem propiciar fonte rica de artifícios para a vivência dos (as) jovens. Ao realizar um paralelo sobre o que o movimento escoteiro pode oferecer como potência e as buscas do (a) jovem para atribuir significados às suas experiências, um estudo sobre o escotismo como dispositivo para possibilitar vivências diversas na contemporaneidade poderá trazer elementos preciosos para refletir sobre a questão na qual pretendemos nos ater.

4. A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL COMO MÉTODO

Visto que o trabalho será desenvolvido na perspectiva fenomenológica-existencial de Heidegger (2006), vale uma introdução sobre esse pensamento, mais especificamente orientado na sua obra de Ser e Tempo (1927). O método fenomenológico existencial apresenta suas peculiaridades na busca de compreensão do ser, trazendo uma nova proposta de se fazer ciência. Utilizamos a palavra “compreender” diferenciando-a da idéia de um entendimento/explicação dos fenômenos, e aproximando da pretensão de apreender a intenção total, no modo singular e específico da coisa. Esse caminho filosófico rompe com o modelo das ciências naturais que constrói teorias de caráter explicativo propondo um pensar descritivo e compreensivo sobre os fenômenos, apreendendo a totalidade daquilo que se manifesta nos seus modos de ser.

Dessa maneira, hoje, na análise científica, o objeto de investigação não é o acontecimento em si, mas a natureza subordinada à maneira humana de pôr o problema. O homem se encontra só frente a si próprio. (Bicudo; Martins, 1989, p. 75)

As ciências positivistas, tão difundidas no ocidente, são criticadas em relação aos limites da metafísica, em sua pretensão de encontrar uma verdade única e estável que acreditamos não ser acessível. Em contraposição a esse pensamento, partimos do pressuposto de que: “do ponto de vista fenomenológico, a relatividade da perceptiva do saber e da verdade do ser abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir (ser)” (Critelli, 2006, p.14). A insegurança e instabilidade do mundo, que estão fora do nosso controle, são obstáculos para a metafísica, mas no nosso entendimento, pertencem aos modos essenciais dos entes se mostrarem. Dessa forma, é apenas reconhecendo essa condição que podemos chegar ao conhecimento do real, já que o caminho para este se elabora através da angústia, ao refutar a idéia de uma plena determinação de algo, mas considerando os vários modos de ser, tendo esse ser que habita o mundo, se relacionando com os demais entes. (Critelli, 2006)

Utilizaremos o termo *dasein* como referência ao ser humano que habita o mundo e é junto aos outros, que retiramos do pensamento heideggeriano, nos trazendo uma visão que rompe com essa dicotomia sujeito e objeto, presente na filosofia até então. Essa preocupação em superar a ruptura de sujeito e objeto, nos impossibilita de realizar um estudo do sujeito ou do objeto separadamente, mas sim considerando a relação existencial que eles estabelecem. Dessa forma, não acreditamos na instância de uma consciência, separada do mundo, mas sim, considerando uma consciência intencional, entendendo que o fenômeno se mostra para uma consciência específica e singular. (Barreto, 2013)

O que fundamenta a noção de acessar o ser tendo em vista essa condição de fluidez que somos é a idéia que uma pessoa é sempre um vir-a-ser, que se dedica em estar construindo a cada dia seu ser, sempre se transformando. Mas afinal, qual o sentido de ser para as pessoas? As pessoas realizam sua existência de diversos modos diante do horizonte temporal, desde o momento que nascem até sua morte, mas o sentido inerente a todos é a condição angustiante e ontológica de ser que necessariamente precisa cuidar de seu ser, ao se responsabilizar por essa tarefa que foi dada de assumir seu existir humano. (Heidegger, 2006)

Na fenomenologia, a questão do ser só pode ser entendida ao nos atentar sobre o horizonte da facticidade que vivemos, que reafirma nossa condição existencial. Na facticidade entendemos que somos em um mundo que já existe, não tivemos o poder de escolher esse mundo, mas existimos em um determinado contexto de espaço e tempo e possuímos particularidades que nos tornam únicos. Não tivemos essa escolha de sermos lançados ao mundo, porém temos que lidar com esse fato, carregando essa responsabilidade de ter que sempre ser quem somos. No entanto, o que nos diferencia dos demais entes do mundo é ter a transcendência como estruturante da nossa experiência com o mundo, ou seja, nessa condição de ser-no-mundo, ser e ente se tornam indissociáveis. Nossa relação com os entes do mundo são condição para o nosso existir, descobrimos os entes nos ocupando, através da manualidade. Dessa forma, não vemos apenas um objeto isolado, o que primeiro nos chega é

um instrumento que já está na nossa familiaridade, um todo articulado de sentido.

Ao se lidar com o instrumento no uso, a ocupação se subordina ao ser para (Um-zu) constitutivo do respectivo instrumento; quanto menos se fixar na coisa martelo, mais se sabe usá-lo, mais originário se torna o relacionamento com ele e mais desvelado é o modo em que se dá ao encontro naquilo que ele é, ou seja, como instrumento. (Heidegger, 2006, p.117)

O *dasein* é o único ente que se questiona sobre o sentido do seu ser, e olha para si mesmo, sentindo o peso que carrega durante toda vida de ter que ser. Os questionamentos referentes ao nosso próprio ser, nos acompanham durante toda vida, e há períodos em que o processo de indagação pode se intensificar, como na adolescência. Nesse momento, a busca de independência, autonomia, autenticidade é constitutiva, e os (as) jovens se deparam com a liberdade de escolher entre numerosas possibilidades interessantes de vivências para definir um ser mais próprio.

Na relação que estabelecemos com os entes, temos que o outro não é um ente externo e longe de mim, já que somos todos seres-no-mundo, familiarizados por um mundo compartilhado, sob a condição ontológica da coexistência. Nosso *dasein* é sempre uma abertura que tem a alteridade habitando em si, é nesse encontro com o outro que posso chegar ao eu mais próprio, nessa direção, ao me relacionar com o outro me retiro da impessoalidade e me deparo com a responsabilidade de ter que ser quem sou e também de me preocupar com o outro. O ser-com-os-outros define a existência do *dasein*, em que a descoberta do outro se dá ao me preocupar com ele. Entendemos esse “preocupar” no sentido de levar em conta esse outro, que é uma determinação existencial de mim mesmo, por fazer parte do meu ser.

Quanto a seu “conteúdo”, o “mundo” à mão não se torna um outro mundo, o círculo dos outros não se modifica, embora, agora, o ser-para o que está à mão, no modo de compreender e ocupar-se, e o ser-com da preocupação com os outros sejam determinados a partir de seu poder-ser mais próprio (Heidegger, 2006, p.379)

Para compreender a jovem que vamos estudar, é necessário levar em consideração sob qual horizonte ela vive suas relações no mundo e junto aos demais entes, visto que uma análise aprofundada acontece ao considerarmos a pessoa como uma abertura e possibilidade de ser-no-mundo, que está constantemente construindo o seu próprio ser, não já definido como os demais entes do mundo.

Para a fenomenologia o ser, assim, não está na coisa, mas na trama de significados que vão se articulando entre os homens, articulando os homens entre si e com a própria coisa. É neste entrelaçamento entre os homens, no seu falar a respeito do mundo e no seu relacionar-se com todas as coisas, que um ente ganha a possibilidade de ser aquilo que é e como é. (Critelli, 2006, p.67)

4.1. Fenomenologia e modernidade

Sobre a questão do mundo contemporâneo em que vivem os (as) jovens, temos a contribuição da fenomenologia-existencial, ao estudar a relação da técnica permeando as relações que nosso ser possui com os demais entes do mundo.

Critelli (2002) explora como Heidegger pôde compreender a era técnica que a humanidade se encontra, em que a preocupação com o rumo do mundo ocidental tecnicista permanece atual em muitos aspectos. A essência da própria ocidentalidade se tornou intrínseca à essência da técnica, promovendo um modo de ser técnico das pessoas. Essa característica do mundo atual é resultado de um esforço de construção do próprio homem, tendo em vista a via da técnica como única possível para chegar ao objetivo de controle dos entes, não se empenhando em acessar outras formas de relação com o mundo. (Critelli, 2002).

Mas qual seria o efeito colateral de um mundo puramente tecnicista? Ao pensar objetivamente, o homem muda e se objetifica, ser e ente se encontram num mesmo patamar. O pensamento calculativo enaltecido pela metafísica, que é técnico e visa à posse/controlar do ente, acaba por preceder o pensamento meditativo, que reflete sobre o sentido do ser. A questão do ser não é mais uma

prioridade, já que para a técnica moderna é difícil enfrentar os aspectos fluidos do ser. O que está em jogo é resolver a insegurança do homem em responder as inquietações por meio da metafísica. Por outro lado, a técnica propicia um nivelamento das relações, ao ter os entes massificados, padronizados, restringindo as possibilidades singulares do *dasein*.

Para que o *dasein* realize a passagem pelo pensamento meditativo, um caminho em direção ao silêncio, mais especificamente, um deixar-se no vazio, abre alternativas antes não vistas. Dessa maneira, se buscaria livrar-se dos vícios da técnica e da obsessão pela ciência para nos defrontar com outra possibilidade, ainda desconhecida, de chamado. A dificuldade é aguentar esse novo, que não conhecemos e é inseguro, muito diferente do que temos hoje, nessa realidade em que tudo já está pré-determinado, nos impedindo de pensar e cuidar do nosso ser. No entanto, essa seria uma tentativa de conseguir recuperar algo de essencial da nossa existência, ao não deixarmos o ser nas mãos da técnica, e sim termos o ser para nós mesmos, sob nossa responsabilidade. A tecnologia sem dúvidas nos abre possibilidades, mas ela possui limitações e também pode nos aprisionar pelo seu encanto. Devemos nos questionar se hoje ou no futuro, os homens tendem a ser meros reféns da tecnologia. Cabe aos habitantes da terra ter a liberdade de decidir o destino histórico da humanidade, mas será que estamos tendo esse controle? (Critelli, 2002).

A preocupação da fenomenologia-existencial em relação ao uso da técnica pelos homens nos faz refletir em como seria a melhor relação que poderíamos estabelecer, usufruindo o melhor que ela pode nos oferecer, e, ao mesmo tempo, não deixando de pensar constantemente sobre nosso ser.

A carência de uma atenção especial para o ser pode ser observada nas dinâmicas educacionais que encontramos no mundo moderno. Arendt (1968) percebe como a crise da educação na América se relaciona com a política de uma nação. A instituição educacional deve contribuir para apresentar os conhecimentos que o homem adquiriu ao longo do tempo aos novos habitantes da terra, porém é essencial considerar os (as) jovens como potenciais de

renovação no mundo. O método tradicional educacional ainda permanece, correndo o risco de ensinar os (as) jovens sem necessariamente educar.

A verdadeira dificuldade na educação moderna está no fato de que, a despeito de toda a conversa da moda acerca de um novo conservadorismo, até mesmo aquele mínimo de conservação e de atitude conservadora sem o qual a educação simplesmente não é possível se torna, em nossos dias, extraordinariamente difícil de atingir. (Arendt, 2001, p.243)

5. PROCEDIMENTOS

Para efetuar esse estudo no terreno da fenomenologia, houve a preocupação de encontrar um instrumento que se aproximasse com a metodologia proposta, e foi nesse processo que chegamos à escolha da entrevista reflexiva. A entrevista reflexiva se mostra como um caminho satisfatório para se fazer uma pesquisa qualitativa, por seu caráter horizontal em que é possível criar uma relação interativa que propicia uma abertura para a entrevistada se expressar mais livremente. Outro aspecto importante desse instrumento que vai de encontro com o método fenomenológico é o respeito que tem sobre a condição humana de ser plural e singular ao mesmo tempo. Desta forma, a pessoa é sempre uma abertura disposta a ir de encontro com as diversas possibilidades e, ao mesmo tempo, um projeto único por ter que ser essa existência construída historicamente. Desse modo, dá-se a importância em se relacionar com a entrevistada que não é passiva, mas pelo contrário, se mostra como uma pessoa interativa, motivada e intencional. (SZYMANSKI, 2010)

A entrevista foi feita com uma jovem praticante do escotismo, com o intuito de compreender o modo como o movimento se mostra na própria experiência em que é percebido. O processo aconteceu em dois encontros, o primeiro em que ocorreu a entrevista propriamente dita, a partir de uma questão desencadeadora para que ela pudesse construir sua narrativa (Como é para você participar do movimento escoteiro?), e o segundo encontro para a devolutiva. Essa foi uma tentativa de alcançar o objetivo desse método de chegar às coisas mesmas ao se atentar, através das experiências, aos modos infundáveis do ser.

Ao iniciar esse estudo, tendo em vista a necessidade de uma participação do (a) jovem ativo no movimento escoteiro, foi necessário se atentar aos cuidados éticos para a efetivação da entrevista em questão. Desse modo, o projeto inicial foi enviado para a plataforma Brasil, que se responsabiliza sobre as pesquisas que envolvem seres humanos, para que este fosse aprovado pelo seu comitê. Em seguida, diante da necessidade de se elaborar um documento

para que os responsáveis pela jovem ficassem cientes sobre o trabalho realizado, um termo de consentimento livre e esclarecido foi elaborado e posteriormente assinado pelos envolvidos na pesquisa.

Para facilitar a transcrição da entrevista, a entrevistada aceitou em ter seu discurso gravado. No momento da devolutiva, as complementações referentes ao primeiro encontro da entrevista não foram gravadas.

5.1. A Participante

O estudo teve como pretensão compreender a experiência vivida nesse momento pela jovem praticante do movimento escoteiro, e nesse caminho, a busca pelo (a) participante se baseou nesse aspecto de poder entrar em contato de um discurso de alguém que estivesse exatamente nessa fase dentro do escotismo, já que o ramo escoteiro é um dos mais marcantes que define a prática.

A entrevistada é uma jovem de 14 anos que participa do movimento escoteiro desde os 7 anos, idade mínima para entrar no seu grupo escoteiro. Atualmente é monitora de uma patrulha, ou seja, dentro dos pequenos grupos que formam a tropa escoteira ela é a mais velha de um, e por isso, é figura de referência para as mais novas.

No início, ao explicar para a chefe da tropa sobre o estudo e a necessidade de uma voluntária para contribuir na entrevista, ela indicou essa jovem que, ao seu ver, estaria disponível para ajudar. O passo seguinte foi encontrar com a jovem e explicar mais detalhadamente sobre como seria a entrevista, esclarecendo nossos objetivos.

5.2. Descrição do processo da entrevista e análise

A entrevista ocorreu em um sábado, na própria sede do grupo escoteiro da participante, após o término de seu encontro semanal que realiza com os demais escoteiros. O local escolhido foi uma sala normalmente reservada para

efetuar reuniões de chefes, apesar do barulho externo proveniente das atividades que demais membros estavam participando, foi possível realizar uma entrevista sem interrupções e com privacidade.

No início, a entrevistadora foi apresentada, esclarecendo qual o objetivo da entrevista, relatando a questão do sigilo, e salientando a finalidade exclusiva acadêmica. Foi ressaltado também que a jovem estaria livre para falar apenas aquilo que quisesse, e explicado sobre a devolutiva que faria para que ela pudesse acrescentar, retirar ou modificar o que quisesse de suas falas.

A questão desencadeadora que iniciou o processo da entrevista foi, conforme dito anteriormente: “Como é para você participar do movimento escoteiro?”. Em seguida, a jovem realizou seu discurso, respondendo a pergunta. Em alguns momentos, foram realizadas mais perguntas, a fim de aprofundar ao tema e objetivo da pesquisa. A entrevista completa se encontra no ANEXO A, ao final do trabalho, as palavras em itálico, por se referirem a termos específicos do escotismo, são esclarecidas no glossário. Ao longo do discurso, observamos temas em comum e, portanto, para uma análise mais cuidadosa, os temas abordados na entrevista foram agrupados em unidades de sentido, que se encontram em uma tabela no ANEXO B. A análise teve a contribuição do pensamento de Bicudo e Martins (1989), em que foi utilizado a divisão de temas específicos do discurso em unidades de sentido (significado), para um olhar detalhado dos diversos temas que encontramos. Apareceram as seguintes unidades, no decorrer da leitura: **relações no contexto escolar; escotismo; solidariedade; questão do gênero e consumismo.**

É essencial ressaltar que não há uma pretensão de obter uma totalidade do fenômeno, já que o entrevistador ilumina parte dele. A análise utilizada será fundamentada através da analítica do sentido, descrita por Critelli (2006). A análise buscou evidenciar as respostas que o discurso da entrevista nos trouxe, a fim de ampliar nossa compreensão das unidades de sentido para se chegar à realidade da jovem ao se voltar às coisas mesmas, que se mostram para um olhar compreensivo.

Esta luz, ou iluminação em que, exclusivamente, o ente pode se expor é constituída simultaneamente pelo ente mesmo e pelo olhar que se institui como sua clareira (ou seu lugar de aparecimento). O aparecer dos entes depende dessa condição ontológica dos homens perceberem o ser e corresponderem a ele. (Critelli, 2006, p.73)

No método fenomenológico, a postura adotada propõe uma visão de mundo que visa a compreensão do real, e, no processo de captar como o fenômeno se revela, há o entendimento que o real traz consigo um olhar do próprio interrogador. Essa ressalva é essencial para explicitar que o interrogador participa daquilo que ele investiga ao constituir um olhar intencionado, e, por isso, esse olhar também deve ser interrogado fenomenologicamente para apreender seu sentido. Isso faz com que a entrevista se torne singular não podendo acontecer novamente e obter os mesmos resultados, visto que ela foi o encontro de duas aberturas, a do entrevistador e a do entrevistado, em determinadas circunstâncias de tempo e espaço. Para a fenomenologia, o respeito a essa singularidade é imprescindível para se ter uma compreensão real do fenômeno, ao considerá-lo único. Esse é o caminho de se chegar ao real, entendendo que sua condição é considerar a realidade que é a lógica da entrevistada, daí a impossibilidade de se generalizar o estudo.

6. ANÁLISE

No processo da análise, buscou-se desvelar o discurso que se abriu, com a contribuição do olhar compreensivo da entrevistadora, mas sempre com a cautela de interpretações precipitadas. É necessário analisar a entrevista tal como ela aparece, sem deduzir aspectos inexistentes e ao mesmo tempo articulada com a rede de significados na qual está inserida, seguindo a lógica da hermenêutica. (SZYMANSKI, 2010)

Orientado pelos movimentos propostos por Critelli (2006), temos que no movimento fenomênico o ser está no seu acontecer e aparecer, ou seja, é compreendido através do horizonte existencial, simplesmente sendo. Nessa dinâmica, há momentos de se mostrar e também de ocultar, numa ação circular do aparecer. O sentido de ser é apreendido ao olharmos o destino dele, em qual direção ele está orientado para existir. O esforço da nossa análise está, então, em olhar para essa manifestação do aparecer que nos chega por meio do discurso da entrevistada, considerando que o que se mostra é sempre para um olhar compreensivo. Organizamos o discurso a partir das unidades de sentido sobre as quais discorreremos no capítulo 5.2 sobre a descrição do processo de entrevista e análise.

A unidade de sentido que aborda o tema das **relações no contexto escolar** mostra como a jovem vivencia o seu ambiente educacional. Pelo seu discurso, há uma comparação que faz entre o escotismo e a escola, que nos faz pensar que ambas são colocadas como duas referências no quesito de sua formação educacional, sendo que no escotismo ela se refere a um ambiente agradável, e a escola, a entrevistada caracteriza como um espaço de muitas ressalvas. No ambiente escolar, existem problemas que enfrenta no relacionamento entre as pessoas, em que percebe brigas, falsidade nas relações e dificuldade nos trabalhos em grupo.

Outro ponto é o método utilizado pela escola, que prioriza o conteúdo teórico tradicional, com um professor detentor da verdade em que os alunos devem permanecer sentados nas carteiras, não sendo um espaço propício para

desenvolver um convívio entre as pessoas. Analisamos esse discurso considerando o contexto contemporâneo na qual vivemos, discorrido no capítulo 2, ao relacionar como isso reflete na nossa experiência de habitar esse mundo. Na realidade globalizada, a obsessiva valorização da técnica influencia modelos hegemônicos de pessoa produtiva que serve ao mercado. Nesse caminho, a jovem entrevistada coloca a sua instituição de ensino cumprindo essa lógica, ao enxergar a escola com o papel de passar conteúdo teórico, numa estrutura de hierarquização entre professor e aluno, em que permanece sentada na carteira, sem abertura para um investimento nas relações entre os (as) jovens. No escotismo, existe a figura do chefe adulto, porém ela tem liberdade para enxergar sua própria potência ao perceber que também é figura de referência para as escoteiras mais novas e precisa dar o exemplo. A jovem, por ter a vivência em um ambiente harmonioso no escotismo, percebe que na escola tem dificuldade no relacionamento com as pessoas, ou seja, não há uma naturalização de que as pessoas brigarem ou serem falsas é normal, esses aspectos são destacados como algo que lhe incomoda, podendo ser de outra forma.

Em contrapartida, no tema **escotismo**, a jovem tem uma visão que se opõe às diretrizes da escola, já que entende o espaço como algo agradável, que aprende coisas novas e cultiva bons relacionamentos de amizade. Quando questionada sobre o que faz no escotismo, ela não fala apenas o que faz ou fez, mas constrói seu discurso sob um horizonte temporal motivado do futuro, colocando as expectativas de que vai aprender coisas novas e fazer novos amigos. Isso nos mostra como é sua relação com a experiência de ser escoteira, não se restringindo como vivências esgotadas no passado, mas sim com aspectos que estimulam para a busca do desconhecido, do novo. As amizades que construiu no escotismo, segundo a entrevistada, vão ser levadas durante toda sua vida, diferentemente da escola. A questão do bullying na adolescência tem nos chamado a atenção nos tempos atuais, no escotismo ela diz não ter esse problema, já que aprende a lidar com as pessoas, e conseqüentemente, com as diferenças humanas.

Analisamos que o “aprender fazendo”, ponto essencial do escotismo, contribui para aprimorar o conhecimento da jovem, considerando como uma forma de atribuir sentido naquilo que a pessoa aprende, ou seja, vivenciando a utilidade daquele aprendizado no momento imediato é possível ter um elemento estimulante que incentiva os (as) jovens a se aprofundar no que lhe interessa. Na fenomenologia-existencial, entendemos que a relação do nosso *dasein* com os demais entes não é passiva, mas sim uma ação de nos ocuparmos com eles. É nesse modo de ser do instrumento, entendido como manualidade, que é possível descobrirmos os entes, sob um horizonte de sentido e considerando a idéia de ser-no-mundo como fundamental para estabelecer nossas relações. Nesse caminho, entendemos que não descobrimos as coisas apenas quando são apresentadas na nossa frente, de uma forma descontextualizada, só é possível descobrir esse ente ao considerar uma relação mais próxima com ele, articulando com a rede de significados que ele representa na nossa familiaridade de mundo. Portanto, a jovem aprende sobre técnicas como amarras e nós, mas com a finalidade de utilizar esse conhecimento para realizar algum artifício que será útil para ela. Em suas práticas no escotismo, consegue perceber o propósito e a importância das coisas, como, por exemplo, quando fala sobre as atividades sociais, nomeando de “atividades de integração da patrulha”, e não apenas como atividades descontraídas e divertidas, mostrando que compreende o objetivo de suas ações.

Isso nos faz pensar se as instituições educacionais deveriam ter esse cuidado de contextualizar o conteúdo teórico, aproximando-o da prática e da realidade dos (as) jovens. Além de considerar que os (as) jovens descubrem o conteúdo ao entendê-lo na familiaridade do mundo que vivem, atribuir o sentido prático do que aprendem pode estimular um aprendizado interessante. As especialidades escoteiras também possuem um fator de estímulo nos interesses particulares dos (as) jovens, para que seja possível incentivar qualidades singulares de cada um, que possam auxiliar numa futura escolha pessoal e de carreira, antes de apresentar intensos conteúdos teóricos como na escola que podem desconsiderar interesses individuais.

Quando perguntamos sobre possíveis mudanças que gostaria de ver no escotismo, ela cita a diferença de gênero, em que os (as) jovens estão constantemente colocados em papéis diferenciados, tendo o lugar do feminino numa perspectiva de impotência em relação ao masculino. Ela se incomoda com as atividades das meninas serem relacionadas à comida ou decoração, enquanto que para os meninos as atividades estão relacionadas com um esforço braçal. Em sua opinião, as meninas tiveram as mesmas aprendizagens técnicas e, portanto, teriam a mesma capacidade que os meninos de coordenar a parte da infra-estrutura de uma festa, por exemplo. A visão crítica da jovem se amplia para fora do movimento escoteiro, ao perceber uma diferença entre algumas profissões que são pré-definidas como papel da mulher ou do homem, além de ver que a mulher pode realizar o mesmo trabalho que o homem e ganhar menos dinheiro para isso. O escotismo não é um espaço à parte do mundo, possuindo, inevitavelmente, dinâmicas que sustentam a sociedade na qual vivemos, como a questão de gênero. No entanto, a jovem vê no escotismo um espaço para problematizar tais questões.

A entrevistada pontua a importância em se discutir temas como a questão do gênero, e cita uma atividade que participou no seu grupo escoteiro em que discutiram essa questão, porém na escola diz não ter espaço para essas reflexões afirmando que uma alternativa seria propor o tema para cada um expor suas opiniões com a mediação de um professor. Pelo seu discurso, entendemos que a escola é vista como um ambiente de aprender conteúdos teóricos, mas não é reconhecida como um ambiente educacional no sentido amplo, na qual fosse possível discutir inquietações importantes sobre a sociedade. Além da escola propiciar esse ambiente, os próprios alunos não demonstram interesses sobre demais temas. Para a entrevistada, palestras sobre o tema do machismo não daria certo, pois as pessoas não prestariam atenção, ou seja, os alunos se preocupam com o conteúdo teórico que será abordado numa prova, mas o que não servir para o objetivo da prova não lhes interessa.

A motivação dos (as) jovens na sociedade, de uma forma participativa e ativa, é um dos grandes objetivos do movimento, que tenta incentivar um

interesse dos futuros cidadãos, ao pensar nos problemas sociais da atualidade. Nesse ponto, a jovem demonstra que o escotismo auxilia no estímulo de se interessar por temas diversos, não restritos a um único objetivo, como uma prova.

Sobre o tema da **solidariedade**, pelo discurso, podemos observar que por ter uma relação com os outros em equipe no escotismo, a jovem tem uma percepção que ouvir os demais ajuda na harmonia da patrulha. Além de estar presente teoricamente na lei e promessa escoteira, pensar e ajudar o próximo já se tornou um modo de ser espontâneo, pois a necessidade de compreender seus companheiros é essencial para o êxito da patrulha. Ao observar os outros pensando nos demais, ela também começa a sempre considerar o outro em suas ações. Nas reuniões que realiza com os chefes, ela aprende em como lidar com sua patrulha, como quando diz que percebeu que gritar e não ouvir os demais só atrapalhava, pois quando as pessoas são escutadas, elas se sentem acolhidas e contribuem mais na patrulha. Desse modo, os chefes não dão uma aula para falar como um bom monitor deve se comportar, mas esse tema se torna interessante para os (as) jovens, a partir do momento em que existem conflitos na patrulha.

Essa questão nos faz retomar ao tema da modernidade individualista, em que a solidariedade se torna algo raro nas relações. Dentro do escotismo, com os ideais de Powell (1954), há uma tentativa de retomar esse sentimento, ao propor, práticas em que a solidariedade é essencial para um bom desempenho das equipes. Com Heidegger (2006), vimos que a pessoa é um ser em relação, na gênese de nossas ações o outro já está sempre sendo levado em conta, o encontro com o outro nos faz pensar no nosso próprio eu. Pensando que no escotismo a força do grupo (patrulha) é crucial para atingir as metas desejadas, como, por exemplo, em um acampamento em que as pessoas precisam da colaboração de todos para resistir num ambiente desprotegido, pensar no próximo não é apenas um gesto bonito, mas se torna uma questão de sobrevivência. É nesse sentido que entendemos que quando a entrevistada usa

a expressão de “pensar de modo espontâneo”, ela percebe que dentro daquele ambiente, ouvir o outro e ajudar o próximo se torna algo natural e necessário.

Na unidade intitulada **consumismo**, a jovem nos traz que dentro do movimento, principalmente nos acampamentos, ela dá mais valor às coisas, e, conseqüentemente, percebe que pode viver com menos bens materiais. Com Bauman (2001), entendemos que na vida moderna criamos necessidades de consumo, na qual o ato da compra se justifica por si só e o avanço da técnica contribui para uma fonte inesgotável. Na experiência de vida no campo, contendo o básico de sobrevivência, a jovem percebe que consegue sobreviver com o suficiente de recursos. Além disso, há o fortalecimento dos vínculos entre os (as) demais jovens, sendo inclusive uma vivência positiva e divertida. Os momentos mais marcantes no movimento são esses acampamentos mais difíceis, pois apesar das dificuldades, aprende diversas coisas e tem uma relação mais próxima com seus amigos, vendo a importância do outro, mesmo que seja para ter aquela pessoa mais animada que levanta o ânimo da patrulha.

De uma forma geral, no nosso encontro com a entrevistada, percebemos como ela vivencia a sua experiência no movimento escoteiro, entendido como espaço de construir relações importantes, assim como no seu entendimento de mundo e de si. Nessa experiência singular, a jovem esclarece que dentro do movimento é possível, de uma forma agradável e estimulante, aprender sempre coisas novas e, principalmente, entender como se relacionar melhor com as pessoas. Os temas do discurso foram apresentados em diferentes unidades de sentido, no entanto, se articulam entre si. A relação que a entrevistada faz sobre a escola e o escotismo nos traz ricos elementos para pensar como ela vivencia essa experiência e atribui seus significados para a vida, aproximando as duas instituições como referências do desenvolvimento educacional da jovem. Além disso, através dos elementos que a entrevista reflexiva nos trouxe, foi possível pensar em como ampliar o conceito de educação que temos hoje, entendendo que a educação pode/deve englobar um desenvolvimento completo da pessoa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado nos iluminou caminhos para se pensar o que é ser jovem nos dias atuais, no horizonte de tempo e espaço em que se encontram. É necessário ressaltar, novamente, a singularidade do estudo e impossibilidade de generalização. Seguindo os pressupostos do método fenomenológico de investigação, temos que os dados analisados da entrevista reflexiva são únicos, considerando a especificidade de ser-no-mundo da jovem, assim como a singularidade do encontro da entrevistadora e da entrevistada.

Foi possível cumprir o objetivo do estudo, ao entrar em contato com a experiência da jovem participante do movimento escoteiro, considerando as peculiaridades da condição existencial de ser-no-mundo que ela se encontra. Compreender a pessoa é compreender como ela lida com a sua tarefa de “ter que ser”, desse modo, através da entrevista reflexiva nos deparamos com temas que facilitou nossa compreensão com a entrevistada. O movimento escoteiro aparece como uma abertura importante para essa jovem vivenciar práticas que auxiliam no seu relacionamento com demais jovens e no seu entendimento de mundo.

Para a fenomenologia, a condição dita patológica do ser humano é ter privações na realização do existir humano, por outro lado, a condição sadia seria aquela que permite a abertura e liberdade de poder ser do *dasein*. Com o presente estudo, pudemos entender que no mundo moderno a valorização da técnica, da ciência positivista, do capital e do mercado, acaba por deixar a questão do ser em segundo plano. Isso nos faz questionar sobre um possível adoecimento do mundo refletindo nos seus habitantes, construindo um espaço inóspito às pessoas, em que aquelas que não se adaptam como o modelo solicita, são as doentes.

A entrevistada nos traz falas que permitem compreender o papel do movimento escoteiro como espaço educacional com sentido. Então, como escoteira, ela pôde aprender coisas novas de um modo diferente da escola, em

que não precisa ficar sentada na carteira ouvindo o professor. Dentro das suas aprendizagens, um ponto de destaque foi o relacionamento com as pessoas, em que aprendeu na prática como lidar com as pessoas, e acabou construindo uma rede ampla de amizades.

A jovem entrevistada vivencia sua juventude com conflitos e harmonias na sua relação com o mundo. Na sua experiência dentro do movimento escoteiro, ela encontra uma possibilidade de ter um espaço de aprendizagem com elementos essenciais para compreender o mundo. Ela realiza uma comparação em relação à escola, por entender o escotismo também como instituição educacional. Porém, apesar de ter a aprendizagem nos dois ambientes, o escotismo tem um elemento importante ao propiciar a jovem o acesso do sentido de sua prática, tornando-se este, um ambiente agradável.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. de; MARTINS, M. H. P. (2003) **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2004. 3 ed

ARENDT, Hannah. (1954) **Entre o passado e o futuro**. 5 ed. Trad. Mauro B. W. Almeida. São Paulo: Ed perspectiva, 2001

BARRETO, C. L. B. T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Parte I - Psicologia e Fenomenologia: a Ação Psicológica na Prática e na Pesquisa em Instituições. Capítulo: Reflexões para Pensar a Ação Clínica a Partir do Pensamento de Heidegger: da Ontologia Fundamental à Questão da Técnica. Curitiba, 2013. p. 23-46. Editora Juruá

BAUMAN, Zygmunt. (2000) **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BICUDO, M. A. V; MARTINS, Joel. (1989) **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo, editora Moraes LTDA.

CRITELLI, Dulce M. (1996) **Analítica do sentido**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CRITELLI, Dulce M. **Martin Heidegger e a essência da técnica**. In: Margem, São Paulo, nº16, p. 83-89, dez. 2002.

COLPO, Marcos Oreste. **Fenomenologia da experiência sadia e patológica**. [Aula de graduação do curso de psicologia da Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015]

DUARTE, André. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e tempo. *Nat. hum.* [online]. 2002, vol.4, n.1 [citado 2015-05-20], pp. 157-185. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-2430.

GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: Um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922)**. São Paulo, 2003. 103p. Dissertação (Mestrado em educação: História, Política, sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

HEIDEGGER, Martin. (1927). **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, editora vozes LTDA. 5.ed, 2006

MACHADO, Marina Marcondes. **A flor da vida/ sementeira para a fenomenologia da pequena infância**. São Paulo, 2007. 183p. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

POWELL, R. S. S. B. (1908). **Scouting for boys**, 13.ed. Edição da fraternidade mundial. (1954)

SANTOS, Milton (2000). **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Site escoteiros do Brasil: Disponível em:
<http://www.escoteiros.org/escotismo/escotismo_no_brasil.php>. Acesso em: 14 jun. 2014.

Site escoteiros do Brasil: Disponível em:
<http://escoteiros.org.br/noticias/noticia_detalhe.php?id=821>. Acesso em 22 maio.2015

Site Scouts in UK: Disponível em: <<http://members.scouts.org.uk/>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

STRAKE, Sílvia Cristina Salvan. **A história no pensamento heideggeriano de SER e TEMPO**. São Paulo, 2006. 116p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SZYMANSKI, Heloisa (org) (2004). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, Ed Líber livro editora. 3.ed. 2010

TAVERNA, Carmem Sílvia Rotondano. **Medicalização de Crianças e Adolescentes**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 2011, vol.15, n.1 [cited 2015-05-26], pp. 169-171 . Available from:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100018&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1413-8557.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572011000100018>.

ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo , v. 17, n. 1, abr. 2007 . Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 jun. 2015.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – 21/03

Devolutiva e complementação da entrevista – 25/05 (destacado em azul)

Como é para você participar do movimento escoteiro?

Algo legal, além de ser um momento para encontrar minhas amigas, sempre aprendo coisas novas. Antes era mais para me divertir, mas agora que eu virei *monitora* aprendo mais coisas. Com a *corte* também, aprendi a me relacionar melhor com as outras pessoas, que com as diferenças da *patrulha*, cada um tem sua qualidade e você pode juntar isso e fazer uma equipe melhor, meio que todo mundo tem que ser o mesmo.

No começo, quando você entrou, sempre gostou de participar ou não?

Ah, eu sempre gostei porque entrei com a minha amiga e sempre vínhamos juntas. Agora ela saiu e eu continuei.

O que você mais gosta no movimento?

As atividades são bem legais, sempre conhecendo gente nova, quando entram novas pessoas ou quando você passa para *guia*, porque ainda sou escoteira.

Você disse que te ajuda no relacionamento com as pessoas, de que forma?

Acho que a ser mais gentil. Normalmente eu vejo uma diferença entre o pessoal da escola e daqui. Aqui é muito comum uns ajudarem os outros, de um jeito mais espontâneo. Lá nem tanto assim, se alguém, por exemplo, está com dificuldade... aí é meio errado.

O que você acha de diferente entre a sua escola e o escotismo?

Na escola é mais matéria, com muitos trabalhos em grupos que sempre dá algum problema. No *caramuru*, com esse negócio de aprender melhor a conviver com as pessoas, as coisas dão mais certo.

Quais vivências/experiências mais marcantes que você teve no movimento?

Acho que são aqueles acampamentos quando você está em mais dificuldades. Aí tem sempre uma pessoa que tenta levantar a patrulha, sempre tentando animar mais.

E como são esses acampamentos?

Normalmente são os *técnicos*, porque não tem tanta atividade e mais *pioneirias*, aí o pessoal fica mais cansado. Só que aí, sempre tem alguém mais animado que começa a contar piada, aí o acampamento acaba ficando mais legal.

Como é sua relação com os chefes?

Acho que boa, normal.

Você acha que poderia ser de outra forma?

Não, acho que assim está bom.

Você tem alguma crítica em relação ao movimento que poderia ser mudado?

Acho que não, eu gosto muito de como é.

Algo que eu gostaria de mudar é a diferença das meninas e meninos. Temos atividades mistas e os chefes pedem pra gente chegar tipo 9h e os meninos 10h.

Como Assim?

Por exemplo, na festa junina. As meninas sempre cortam as frutas e os meninos ficam com a parte braçal.

Por que isso te incomoda?

Acho que eles pensam que as meninas não têm capacidade de um trabalho braçal, o que não é verdade.

As meninas sempre ficam na parte da decoração e cortando as frutas. Os meninos na *Infra*.

Você gostaria de fazer parte da infra?

Sim. Até porque a prisão do ano passado ficou muito falha. Temos a mesma formação sobre as pioneirias, seria bom poder fazer algo novo também.

Você acha que os meninos aceitariam ficar na decoração?

Eles teriam uma resistência por achar que é coisa de “menininha”, mas não precisa mudar de papel, seria bom ser misto para um aprender com o outro.

O que você acha dessa questão sobre diferença de meninos e meninas?

Fizemos uma atividade aqui que falava sobre o machismo. Falamos sobre como tiveram mulheres importantes na história que não sabemos e como essa questão dura até hoje.

Onde você percebe mais essa questão do machismo?

Percebo bastante nas profissões. Tem mulher que ganha menos fazendo o mesmo trabalho que o homem. Tem também profissões que generalizam sobre o que é trabalho de mulher e o que é trabalho de homem.

Esses tipos de discussões sobre o machismo ocorrem na escola?

Entre amigos às vezes, mas não dão palestras sobre o assunto

Você acha que seria importante?

Acho que na escola não adiantaria. Quando é palestra o pessoal não presta atenção.

Qual alternativa?

Fazer discussões, onde cada um coloca sua opinião, e o professor ou coordenador acrescentaria idéias.

O que você acha das divisões escoteiro/escoteira?

Acho que se fosse misto o grupo seria mais unido. Sem as “panelinhas” de meninos e meninas.

Mas isso ajudaria na questão do machismo?

Sim.

O que você acha de mais importante que aprendeu aqui?

[silêncio] Acho que basicamente tudo que eu aprendo.

Aqui eu aprendo mais a me relacionar com os outros, na escola é mais conteúdo teórico.

Você já pensou como seria se não tivesse sido escoteira?

Acho que eu seria muito fresca, não teria tanto conhecimento das coisas, não teria tantos amigos e não teria iniciativa de fazer novos amigos.

Porque mais fresca?

Porque aqui aprendo a dar mais valor às coisas.

Como?

Nos acampamentos. Em acampamento aprendo que posso viver com menos coisas.

O que você acha que aprendeu no movimento e que não poderia ter aprendido em outro lugar?

Acho que pensar nos outros, mais espontaneamente. Porque aqui temos a promessa, você vê os outros pensando nos outros, aí uma hora fica espontâneo ajudar os outros, perguntar se precisa de ajuda ou não.

Isso você aprende em outros lugares também, de ajudar os outros?

Acho que não muito, porque na escola é mais matéria. E na escola é muito mais comum as pessoas brigarem

Porque você acha que aqui consegue aprender essas coisas? Desse jeito espontâneo.

Acho que aqui tem umas partes mais difíceis nos acampamentos e em algumas atividades, então é mais comum praticar isso. Do que na escola que todo mundo fica sentado na carteira, escutando e fazendo lição, então não tem muito esse relacionamento. Aqui também com as *especialidades*, te incentiva a pesquisar mais coisas e se interessar mais sobre as coisas também

Você poderia contar um pouco mais sobre como é o cotidiano do que você faz no movimento?

Chegamos aos sábados e reunimos a patrulha pra começar a arrumar o *canto* para a *inspeção*. Aí fazemos um *cerimonial*, e depois a atividade do dia.

Que tipo de atividade?

Normalmente atividades para integrar a patrulha, outras são mais físicas ou intelectuais.

E os acampamentos?

Normalmente temos os mais técnicos. Fazemos mais pioneirias, não tem tantas atividades quanto no *social*.

E você acha importante aprender essa parte técnica?

Ah, também. Mas tem o problema que não são todas as meninas que sabem as *amarras*, aí fica meio difícil.

E o que fazer nessas situações?

Os mais velhos ajudam os novos

Você acha isso importante?

Sim. Acho que muitas vezes os mais novos enxergam o mais velho como ponto de referência. A influência. Então se você passa uma má influência para os menores, isso pode ser muito ruim.

Como assim?

É que tem alguns monitores que gritam muito, aí acho que a pessoa pode ficar com raiva e fazer a mesma coisa, entendeu? Aí geralmente quando tem a *corte* é bom que a gente discute e também em *acampamentos de monitores*. Aí nesses acampamentos eles explicam como ser um bom monitor e pra passar essa influência para os outros também.

E agora que você é monitora você sente essa responsabilidade de passar uma imagem aos mais novos? Sua postura mudou?

Sim. É que na verdade essa é minha segunda vez como monitora e agora consigo pensar bem mais sobre as coisas.

O quê, por exemplo?

Acho que antes eu não me preocupava tanto com os *elementos*. Acho que eu mandava muito, não tentava conversar com elas, e agora eu escuto mais a opinião delas do que só a minha. Acho que agora nosso relacionamento está melhor, mais integrado.

Então, na sua opinião, é melhor ter esse diálogo e conseguir ouvir os outros do que os monitores que só gritam, como você disse?

Sim, acho que flui mais. Aí quando você conversa com eles, escuta a opinião deles, eles ficam mais felizes e satisfeitos e acabam ajudando mais.

Você disse que gosta de estar aqui, mas o que faz você se sentir bem?

Acho que as amizades que fazemos aqui você leva pra sempre... lá na escola nem tanto [choro]

Tudo bem, se não quiser falar

É que lá eu vejo que as pessoas são muito falsas...comigo nunca aconteceu nada. Mas tem uma menina que finge ser amiga das pessoas, mas quando a outra vira as costas elas falam mal, ficam zuando a menina.

Uma menina acredita ter amigas verdadeiras e às vezes quando ela sai de perto das outras, as meninas ficam falando mal, rindo da cara dela. E às vezes elas falam na cara mesmo, mas ela não percebe. Ela pensa que é só brincadeira.

Isso te incomoda na escola?

Sim. Todos percebem isso.

E aqui você não vê isso?

Não muito.

E sobre a promessa escoteira, o que você acha? Você consegue aplicar elas na sua vida ou é algo que você apenas decorou e não usa?

Têm coisas que eu consigo, outras são mais difíceis. [risos].

Como você explicaria, para alguém que não conhece o movimento escoteiro, o que é. Quando seus amigos e família te perguntam como é, e o que vocês fazem, o que você responde?

Ah, eu falo que venho todo sábado participar de atividades, e que sempre tem alguma coisa nova para aprender. Falo que em acampamentos a gente monta barraca, toldos, várias pioneiras, cozinhamos na fogueira, mas explico que não é tão radical quanto eles pensam, usamos panela essas coisas.

Você acha que as pessoas têm uma idéia estereotipada do escoteiro?

É que eu acho que eles pensam muito nos desenhos, de que a gente fala com os animais, vendemos “bicoitinhos” nas ruas, e aí eu explico que não é nada disso.

ANEXO B - TABELA DE UNIDADES DE SENTIDO

Depoimento	Unidades de sentido
<p>“Normalmente eu vejo uma diferença entre o pessoal da escola e daqui.”</p> <p>“Na escola é mais matéria, com muitos trabalhos em grupos que sempre dá algum problema.”</p> <p>“Acho que na escola não adiantaria. Quando é palestra o pessoal não presta atenção.”</p> <p>“Fazer discussões, onde cada um coloca sua opinião, e o professor ou coordenador acrescentaria idéias.”</p> <p>“Aqui eu aprendo mais a me relacionar com os outros, na escola é mais conteúdo teórico.”</p> <p>“Acho que não muito, porque na escola é mais matéria. E na escola é muito mais comum as pessoas brigarem.”</p> <p>“Do que na escola que todo mundo fica sentado na carteira, escutando e fazendo lição, então não tem muito esse relacionamento.”</p> <p>“Acho que as amizades que fazemos aqui você leva pra sempre... lá na escola nem tanto.”</p> <p>“É que lá eu vejo que as pessoas são muito falsas...comigo nunca aconteceu nada. Mas tem uma menina que finge ser amiga das pessoas, mas quando a outra vira as costas elas falam mal, ficam zuando a menina.”</p> <p>“Uma menina acredita ter amigas verdadeiras e às vezes quando ela sai de perto das outras, as meninas ficam falando mal, rindo da cara dela. E às vezes elas falam na cara mesmo, mas ela não percebe. Ela pensa que é só brincadeira.”</p>	<p>Relações no contexto escolar</p> <ul style="list-style-type: none"> - A escola tem um papel de passar conteúdo teórico, mas não lida com relacionamento das pessoas - A importância das amizades na adolescência: Na escola há relações desarmoniosas - A escola não é reconhecida pela jovem como espaço de discussão de assuntos da sociedade em geral

<p>“Algo legal, além de ser um momento para encontrar minhas amigas, sempre aprendo coisas novas. Antes era mais para me divertir, mas agora que eu virei <i>monitora</i> aprendo mais coisas.”</p> <p>“As atividades são bem legais, sempre conhecendo gente nova.”</p> <p>“Acho que eu seria muito fresca, não teria tanto conhecimento das coisas, não teria tantos amigos e não teria iniciativa de fazer novos amigos.”</p> <p>“Aqui também com as <i>especialidades</i>, te incentiva a pesquisar mais coisas e se interessar mais sobre as coisas também.”</p> <p>“Aí geralmente quando tem a <i>corte</i> é bom que a gente discute e também em <i>acampamentos de monitores</i>. Aí nesses acampamentos eles explicam como ser um bom monitor e pra passar essa influência para os outros também.”</p> <p>“Algo que eu gostaria de mudar é a diferença das meninas e meninos.”</p> <p>“Fizemos uma atividade aqui que falava sobre o machismo. Falamos sobre como tiveram mulheres importantes na história que não sabemos e como essa questão dura até hoje.”</p> <p>“Acho que eles pensam que as meninas não têm capacidade de um trabalho braçal, o que não é verdade.”</p> <p>“As meninas sempre ficam na parte da decoração e cortando as frutas. Os meninos na <i>Infra</i>.”</p> <p>“Percebo bastante nas profissões. Tem mulher que ganha menos fazendo o mesmo trabalho que o homem. Tem também profissões que generalizam sobre o que é trabalho de mulher e o que é trabalho de homem.”</p>	<p style="text-align: center;">Escotismo</p> <p>- Aspectos positivos: momento agradável de encontrar as amigas, aprender algo novo, estimular interesse, lidar no relacionamento com as pessoas</p> <p style="text-align: center;">Questão do gênero</p> <p>- Aspectos que gostaria de mudar: diferença entre as meninas e os meninos nas atividades escoteiras</p>
---	---

<p>“cada um tem sua qualidade e você pode juntar isso e fazer uma equipe melhor, meio que todo mundo tem que ser o mesmo.”</p> <p>“Aqui é muito comum uns ajudarem os outros, de um jeito mais espontâneo.”</p> <p>“com esse negócio de aprender melhor a conviver com as pessoas, as coisas dão mais certo.”</p> <p>“Acho que pensar nos outros, mais espontaneamente. Porque aqui temos a promessa , você vê os outros pensando nos outros, aí uma hora fica espontâneo ajudar os outros, perguntar se precisa de ajuda ou não.”</p> <p>“Aí quando você conversa com eles, escuta a opinião deles, eles ficam mais felizes e satisfeitos e acabam ajudando mais.”</p>	<p style="text-align: center;">Solidariedade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deixa de ser uma obrigação, tornando-se espontâneo pensar e ajudar o outro - Trabalho em equipe: relacionamento com as pessoas ao lidar com as diferenças individuais e usar para benefício do grupo
<p>“Em acampamento aprendo que posso viver com menos coisas.”</p> <p>“Porque aqui aprendo a dar mais valor as coisas.”</p>	<p style="text-align: center;">Consumismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mundo moderno que estimula o consumo desenfreado, e o escotismo que mostra o outro lado de se viver com menos

GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO ESCOTISMO

Nota: As explicações foram dadas a partir do contexto em que os termos foram utilizados na entrevista. Elas podem variar dependendo de como cada grupo escoteiro realiza sua prática.

Monitora: Normalmente o membro mais velho da patrulha, que por ter mais tempo de experiência tem uma posição de referência para os demais. Essa pessoa tem a função de dirigir a patrulha, o objetivo é que todos os elementos assumam essa função antes de passar para o próximo ramo como forma de aprendizagem de liderar um grupo.

Corte: Reunião após as atividades em que participam os monitores das patrulhas e os chefes. É um importante espaço para que todos possam expressar suas opiniões sobre as atividades e colocar possíveis dificuldades que estão enfrentando para solucionar em conjunto.

Patrulha: Modo de organização da tropa escoteira de pequenos grupos que tem um líder (monitor) direcionando. Cada patrulha tem como objetivo ser unida e forte para realizar as atividades.

Guia: O ramo seguinte do escoteiro, com jovens entre 15 e 17 anos.

Caramuru: Nome do grupo escoteiro da participante

Técnicos: A parte técnica é o momento em que se põe em prática a aprendizagem, passada por um chefe ou elemento mais velho, especialmente sobre a vida no campo.

Pioneirias: São artifícios feitos pelos escoteiros para uma vida no campo. Elas servem para desenvolver habilidades manuais com amarras e nós para construir estruturas essenciais para viver em natureza, além disso, busca desenvolver a criatividade pessoal.

Infra: Nome dado à coordenação que cuida da infra-estrutura de um evento.

Especialidades: Conquista pessoal de um conhecimento específico, não é obrigatório, é um instrumento para incentivar os jovens a se interessarem sobre temas diversos que tenham afinidade. Quando a pessoa atinge os requisitos básicos para determinada especialidade, ela ganha um distintivo que é colocado no uniforme

Canto: Local privado de cada patrulha

Inspeção: Método de fiscalização dos chefes para analisar a organização e limpeza de cada patrulha

Cerimonial: Momento inicial/final de uma atividade, em que se faz a saudação à bandeira, é passado recados gerais aos elementos e também se faz as palavras de reflexão/oração.

Social: Práticas que dão maior ênfase no relacionamento dos elementos, muitas vezes propiciando uma união das patrulhas ou da tropa inteira

Amarras: São artifícios para realizar as pioneirias, existem diversos tipos de amarras que servem para construção de um artefato específico.

Acampamento de monitores: Acampamento que os monitores participam, em que são preparados para a saída do ramo escoteiro para passar ao ramo das guias. Também é um momento de troca de experiências e instrução dada pelos chefes de como dirigir melhor suas patrulhas

Elementos: Os escoteiros praticantes que não são chefes